



## **Olhar Indiscreto: um ensaio fotográfico sobre a arquitetura panóptica<sup>1</sup>**

Ana Clara de Jesus Conceição Sandes<sup>2</sup>

Camila Alves Aguiar<sup>3</sup>

Hévila Ferreira da Hora<sup>4</sup>

José Alves dos Reis Neto<sup>5</sup>

Juliana Nascimento Torezani<sup>6</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz

### **RESUMO**

O ensaio fotográfico foi produzido na matéria de Oficina de Fotografia e Iluminação I do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) em que o objeto de estudo foi a observação e registro da arquitetura desta universidade, temática escolhida pelo grupo para realização da atividade proposta pela disciplina. A partir disso, o grupo realizou pesquisas e estudos com a intenção de produzir uma narrativa a partir do material fotografado. O objetivo principal consistiu em buscar no espaço escolhido pontos de conexões entre as estruturas arquitetônicas e construir um percurso que identificasse as características do ambiente. Além disso, o intuito consistiu também em realizar atividade artística a partir da fotografia como forma de trazer uma nova perspectiva para os fenômenos e características dos lugares que habitamos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia Artística; Fotografia de Arquitetura; Arquitetura Panóptica;

### **INTRODUÇÃO**

A fotografia é um mecanismo complexo que perpassa pelo ato de registrar, eternizar momentos, compartilhar conceitos, histórias e outros. “[...] a fotografia nos convida a tratar tudo indiscriminadamente, porque, dependendo do olhar, dos objetivos e de qual informação se está buscando, uma fotografia pode-se prestar para vários fins” (VIEIRA, 2012, p. 23).

A partir dessa perspectiva construímos um conceito em cima da fotografia de arquitetura que visa “[...] representar/apresentar/comunicar” (VIEIRA, 2012, p. 324). Inicialmente, observamos as cores, linhas e formas da arquitetura, identificando uma

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT2 – “Fotografia Contemporânea”.

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social – Rádio e TV na Universidade Estadual de Santa Cruz -UESC. E-mail: anaclarasandes@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Comunicação Social – Rádio e TV na Universidade Estadual de Santa Cruz -UESC. E-mail: camilaaguiar@outlook.com

<sup>4</sup> Graduanda em Comunicação Social – Rádio e TV na Universidade Estadual de Santa Cruz -UESC. E-mail: hevilaferreirah0@gmail.com

<sup>5</sup> Graduando em Comunicação Social – Rádio e TV na Universidade Estadual de Santa Cruz -UESC. E-mail: josealvesdosreisnt@gmail.com

<sup>6</sup> Professora doutora pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: juliannatorezani@yahoo.com.br



hierarquia entre os espaços. A partir disso, verificamos a relação com a arquitetura panóptica de Jeremy Bentham (1785), que aborda uma penitenciária ideal, permitindo ao vigilante uma visão privilegiada das ações daqueles que são monitorados (BETHAM, 2008). Desse modo, percebeu-se que a estrutura da Universidade Estadual de Santa Cruz é semelhante com a ideia da arquitetura panóptica, com a Torre Administrativa sendo o “vigilante” e os pavilhões, assim como os que habitam nele, os “vigiados”. Após fotografar, a narrativa foi organizada em três momentos.

O primeiro, se baseou em um mapa mental trazendo fotografias mais fechadas com indícios do ambiente (SOUSA, 2004). O segundo, abordou os pavilhões marcando cores terrosas que traduziriam a sensação de subalternidade e sufocamento (HELLER, 2016) e a utilização da fotografia principal do pavilhão na parte inferior das outras fotos trazendo essa ideia de submissão a um superior. O terceiro demonstra que a torre seria esse vigilante e está colocado na parte superior das outras fotografias com a marcação da cor azul de uma forma vibrante passando a sensação de liberdade e domínio.

## **PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA**

Após a definição do tema, a equipe realizou pesquisas sobre a arquitetura da universidade, que possui oito pavilhões a partir da Torre Administrativa que fica ao centro, dividindo-os em dois blocos. Além disso, as cores também ajudam a diferenciar as estruturas, de modo que os pavilhões estudantis possuem cores mais terrosas e alaranjadas e a torre é marcada por cores em tons de cinza e branco, o que causa uma sensação de seriedade, e nos fez observar semelhança com a arquitetura panóptica de Jeremy Bentham.

Em sua ideia original esse tipo de arquitetura foi criada para ser aplicada em um sistema prisional, de modo que a estrutura circundasse uma torre, onde se encontraria o vigilante, que teria uma visão privilegiada das ações de seus prisioneiros, sem que estes pudessem vê-lo. Desse modo, levando em consideração a arquitetura principal da universidade estudada, há uma semelhança notável com a Torre Administrativa sendo o “vigilante” e os pavilhões, assim como os que habitam nele, os “vigiados”.

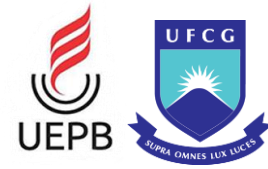


Ao olhar para a Torre Administrativa do pavilhão é possível até associá-la com uma análise mais mitológica. Suas centenas de janelas de vidro fosco poderiam facilmente simbolizar os cem olhos do gigante Argos Panoptes, o que tudo vê, que era usado como guarda dos deuses gregos (DICKENS, 2012). Apoiando-se também nos estudos de Michel Foucault (2005), em sua obra “Vigiar e Punir” sobre os efeitos comportamentais e psíquicos da estrutura panóptica, quando afirma que “o panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder” (2005, p. 169), entendemos que esse tipo de estrutura pode transcender suas características físicas quando aplicada em qualquer outra instituição social.

A partir disso, é necessário entender que a fotografia assume uma posição que vai além do caráter documental e quando associada à um tema acaba transcendendo essa característica, à medida que nela se encontra também a interpretação de um olhar subjetivo, bem como salienta Roland Barthes (1984) em seus estudos sobre a fotografia e a arte. Dessa perspectiva, associa-se também um caráter ideológico a partir dos recortes espaciais trazidos pela captação do ato fotográfico. E, na fotografia de arquitetura existe uma discussão que perpassa pela precisão e subjetividade que são desenvolvidas na ideia de representação do espaço e a expressividade do autor. Alguns nomes podem ser referenciados quando se trata de uma fotografia que extrapola as condições puramente documentais da fotografia de arquitetura, como os fotógrafos Cristiano Mascaro e Nelson Kon que possuem trabalhos harmoniosos, artísticos, subjetivos e cheios de significados nas formas e cores presentes nos seus trabalhos.

Analisando os quadros fotografados pelos estudantes podemos observar o conceito panóptico inserido em cada um deles quando exploramos o ponto de observação e vigilância dentro da narrativa fotográfica. Todos os enquadramentos são pontos de olhar sobre o outro, traduzindo-se em uma relação vigia-vigiado, podendo ser perceptível através dos reflexos nos vidros das janelas, ângulos, direcionamentos e, até mesmo, nas entradas de luz na cena.

Como referência visual tivemos Cristiano Mascaro, fotógrafo brasileiro que tem em suas obras um trabalho voltado para a arquitetura com um estilo marcado pelas técnicas, sentimentos, formas e tonalidades (CHAHINIAN, 2007). Assim como o trabalho proposto em o “Olhar Indiscreto”, em que cada fotografia é um tijolo colocado



---

na narrativa arquitetônica do espaço, a metáfora é bem presente no conceito da obra, trazendo a representação e a subjetividade do olhar do observador e do ambiente.

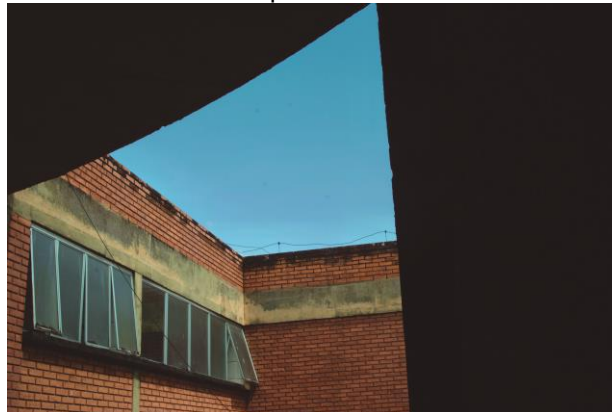
## **CRIANDO A NARRATIVA**

O ensaio fotográfico foi produzido na disciplina de Oficina de Fotografia e Iluminação I no Curso de Comunicação Social da UESC, com intuito de produzir um ensaio temático em externa, o objeto de estudo escolhido pela equipe foi a observação e registro da arquitetura da universidade. Ao tratar sobre a fotografia de arquitetura é interessante entender que ela é “uma atividade que transita entre a precisão científica e a arte” (VIEIRA, 2012, p. 227), com a intenção de produzir uma narrativa a partir do material fotografado.

O objetivo principal consistiu em buscar no espaço escolhido pontos de conexão entre as estruturas arquitetônicas do campus da universidade e construir um percurso que identificasse as características do ambiente. Além disso, tivemos como intuito também, realizar atividade artística a partir da fotografia como forma de trazer uma nova perspectiva para os fenômenos e características dos lugares que habitamos; explorar o espaço acadêmico como ambiente rico em história e significados; exercitar o olhar fotográfico através de enquadramentos e cores a fim de transmitir sentimentos e ideias; discutir aspectos sociais da arquitetura acadêmica e como ela interage e modifica o comportamento dos indivíduos inseridos, resumindo também ideologias e padrões de comportamento impressos no sistema social em que vivemos.

Após fotografar, a narrativa foi organizada em três momentos contendo três fotografias totalizando nove fotografias. O primeiro se baseou em um mapa mental trazendo fotografias com enquadramentos mais fechados, dando indícios do ambiente, cores, sensações e identificações dos espaços presentes nesse universo, entendendo que “O enquadramento concretiza-se no plano. A fotografia é uma unidade de significação precisamente porque se consubstancia num plano” (SOUSA, 2004, p. 78), assim, fazendo com que o público adentrasse na narrativa.

Figura 1 - Primeiro momento: Mapa Mental. Fotos de Camila Aguiar



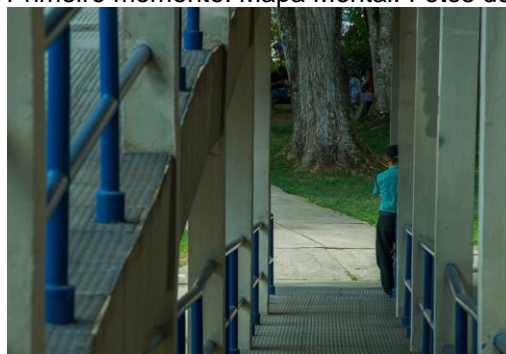
Fonte: Produção fotográfica da equipe, 2019.

Figura 2 - Primeiro momento: Mapa Mental. Fotos de Hévila Ferreira



Fonte: Produção fotográfica da equipe, 2019.

Figura 3 - Primeiro momento: Mapa Mental. Fotos de José Reis



Fonte: Produção fotográfica da equipe, 2019.

O segundo abordou os pavilhões marcando cores terrosas que traduziriam a sensação de subalternidade e sufocamento (HELLER, 2016). Dessa maneira, a organização das fotografias se fixou baseada na hierarquia, em que a fotografia principal, o pavilhão universitário, colocado na parte inferior das outras fotos, trazia

essa ideia de submissão a um superior, o vigilante, que ainda não conhecemos e se insere nos espaços de forma onipresente.

Figura 4 - Terceiro momento: Pavilhões. Fotos de Hévila Ferreira.



Fonte: Produção fotográfica da equipe, 2019.

Figura 5 - Terceiro momento: Pavilhões. Fotos de Ana Clara Sandes



Fonte: Produção fotográfica da equipe, 2019.

Figura 6 - Terceiro momento: Pavilhões. Fotos de Hévila Ferreira



Fonte: Produção fotográfica da equipe, 2019.

O terceiro momento revela a Torre Administrativa como esse vigilante, colocada na parte superior das outras fotografias com a marcação da cor azul de uma forma vibrante passando a sensação de liberdade e domínio. Desse modo, o título da produção foi definido como “Olhar Indiscreto” carregando o significado dessa estrutura visual e ideológica que existe dentro desse ambiente de uma forma não perceptível por quem vivencia, somente por quem está vigiando, o que acaba remetendo também à ideia base da arquitetura panóptica.

Figura 7 - Segundo momento: Torre Administrativa. Fotos de Hévila Ferreira.



Fonte: Produção fotográfica da equipe, 2019.

Figura 8 - Segundo momento: Torre Administrativa. Fotos de José Reis



Fonte: Produção fotográfica da equipe, 2019.

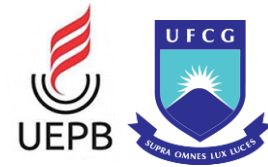
Figura 9 - Segundo momento: Torre Administrativa. Fotos de José Reis



Fonte: Produção fotográfica da equipe, 2019.

## PROCESSO CRIATIVO DE PRODUÇÃO

Para a realização deste ensaio dividimos as etapas em pré-produção, produção e pós-produção. Durante a pré-produção o grupo escolheu o tema arquitetura, tendo como objeto do ensaio a arquitetura da UESC. Para a idealização do conceito do ensaio foram realizadas pesquisas sobre fotografia de arquitetura e a arquitetura panóptica, observando os pontos de semelhança entre as duas áreas e partindo para a elaboração da ideia da narrativa.



Seguindo para o reconhecimento de campo, identificamos pontos específicos do lugar que seriam os “personagens” perfeitos para protagonizar a ideia central do ensaio. A etapa de produção teve a duração de dois dias. No primeiro dia captamos fotos pela manhã e pela tarde, aproveitando o céu com poucas nuvens, já que utilizamos iluminação natural. No segundo dia as atividades aconteceram no turno da tarde com uma iluminação difusa por conta da maior quantidade de nuvens no céu.

Os equipamentos utilizados foram: uma câmera digital Nikon D60, uma lente grande angular 16mm f/2.8, uma lente zoom 18-105mm f/3.5 e um tripé. A objetiva 16mm, apesar de possuir uma distância focal curta, permite utilizar a perspectiva de formas diferentes, e para a ideia geral do ensaio a lente se mostrava adequada. A profundidade de campo dessas lentes facilita a captação de assuntos da forma mais completa em locais onde não é possível recuar tanto para enquadrar o todo, por esse motivo é a lente mais indicada para fotografar interiores e arquiteturas (TRIGO, 2005). Fotografar a Torre Administrativa da universidade com essa lente possibilitou mostrar uma oponência da estrutura, colocando-a como uma verdadeira gigante que observa a tudo e todos.

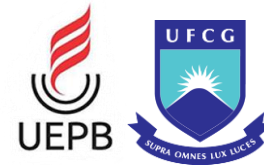
Já a objetiva zoom 18-105mm, possui uma distância focal variável e possibilita mudanças nas dimensões da imagem e do ângulo de visão, oferecendo também mais praticidade em relação à definição de enquadramentos diferentes das fotografias e das ideias do ensaio. Além disso, foi importante observar e utilizar o triângulo de exposição (abertura (f), velocidade (S) e sensibilidade do sensor (ISO) junto com a iluminação natural do ambiente para se obter as melhores condições possíveis.

Neste trabalho a sensibilidade do sensor (ISO) se manteve em 100, pois os dias se mantiveram ensolarados, de modo que a velocidade utilizada variou entre 1/20 e 1/100. Como escolha estética e de composição da imagem, o grupo decidiu ressaltar nas fotografias diferentes enquadramentos e ângulos para que as imagens causassem a impressão de serem vistas por um observador na universidade. A fotografia da torre central, por exemplo, foi feita num *contra-plongée*<sup>7</sup>, para que refletisse a autoridade e imponência do prédio administrativo, que fica localizado no centro do *campus*. E para reforçar essa ideia de imponência, foi pensado

---

<sup>7</sup> Trata-se de um enquadramento onde vemos a cena de baixo para cima, como se a câmera estivesse deitada e apontada para cima.





---

outra fotografia que tem uma visão da janela da torre, com um leve *plongée*<sup>8</sup>, que indica subjetivamente a visão superior de um observador sobre o pavilhão do campus, variando a entrada de luz entre f/7.1 e f/14.

As outras fotografias presentes no trabalho variaram entre enquadramentos fechados e abertos trazendo a ideia de mostrar indícios do espaço e a sua arquitetura, demonstrando formas e linhas que trazem uma rigidez e uma estrutura organizada que os diferencia. Nas fotografias dos pavilhões encontram-se planos abertos que carregam contrastes de iluminação e cores, variando a abertura entre f/5.6 e f/11, além da percepção da ideia de subjugo estar presente. Na pós-produção, as fotografias passaram por um tratamento para intensificar as cores e fortalecer as sensações contidas nessa narrativa. Depois das imagens tratadas no *software* editor de imagens Adobe Photoshop, o grupo construiu a apresentação organizando as fotografias em três momentos, assim constituindo a obra como um todo.

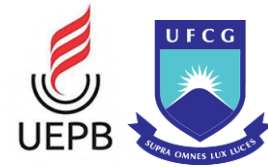
## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo que a fotografia é um meio de expressar e registrar trazendo uma ideia dentro de uma perspectiva, é importante valorizar essa arte na medida que podemos entendê-la enquanto uma prática que auxilia na assimilação da arquitetura. O processo criativo e pensante desse exercício proposto pela disciplina de Oficina de Fotografia e Iluminação I, trouxe uma reflexão à cerca dos espaços que habitamos e nos compõem. Pensar a arquitetura sob o olhar subjetivo do sujeito que fotografa demonstrou, as particularidades sutis que a construção de um espaço pode causar na dinâmica social e comportamental dos indivíduos inseridos ali.

Dentro do trabalho seguimos parâmetros da comunicação audiovisual para construir o conceito que envolve a fotografia de arquitetura e a Universidade Estadual de Santa Cruz. A estrutura da universidade serviu como objeto de estudo e associação com o conceito de panóptico de Jeremy Bentham que pode também ser analisado sob uma perspectiva social, como fez Foucault em "Vigiar e Punir" (2005). Dessa maneira, é interessante perceber como essa relação vigia-vigiado proposto por esse tipo de arquitetura se insere dentro do espaço acadêmico aqui estudado. É, a partir do ato fotográfico que construímos a concepção do espaço e o deslocamento dos sujeitos

---

<sup>8</sup> Trata-se de um enquadramento de cima para baixo, como se a câmera estivesse mergulhando.



inseridos nele, trazendo uma compreensão da arquitetura da universidade através das interrelações com a fotografia. Como consequência disso, a elaboração de um mapa mental que percorre uma narrativa dentro dos registros captados através de enquadramentos e ângulos que traduzissem o conceito criado pela equipe, influenciou diretamente a leitura do espaço acadêmico, provocando uma modificação de olhares que à princípio passa despercebido a quem está acostumado com a paisagem.

A partir dessas reflexões, podemos entender a fotografia para além de seu caráter técnico e automatizado do ato de apertar um botão, mas também como um componente de ordem imaterial que delinea o processo de criação do registro, aliando pensamento e cultura. Nos permitindo interrogar e questionar o aqui e o agora, o espaço e o tempo e, principalmente, confrontar as nossas próprias realidades "inalteráveis". Nesse sentido, é a partir dessa observação espacial que o exercício fotográfico aqui proposto revelou uma característica de controle social, trazendo um estado de visibilidade e vigia por parte das autoridades do lugar, que nesse caso é representada pela Torre Administrativa da universidade.

## REFERÊNCIAS

BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2000.

CHAHINIAN, Stepan Norair; REIS FILHO, Nestor Goulart. **Fotografia na representação da arquitetura, cidade e território**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DICKENS, Charles. **Grandes esperanças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HELLER, Eva. **A Psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. 1 ed. São Paulo: G. Gili, Ltda, 2016.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

VIEIRA, César Bastos de Mattos. **A fotografia na percepção da arquitetura**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Repositório Digital – UFRGS Link: <http://hdl.handle.net/10183/53735>

DICKENS, Charles. **Grandes esperanças**. São Paulo: Companhia de Letras, 2012. 704p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2005

TRIGO JUNIOR, Thales. **Equipamento fotográfico: teoria e prática**. 3ª edição. São Paulo: Ed. Senac, 2005.